



## Quantos cabemos?

Por JOSÉ EDUARDO MARTINS\*

**Q**uestionar o crescimento da população mundial, num país envelhecido e meio vazio pode parecer estranho, mas se queremos domar este sentimento de perda é importante pensar para lá do próximo aumento de impostos, olhar para o que nos rodeia e perceber o mundo em que vamos viver nas próximas décadas.

Quando Malthus previu que não era possível casar o crescimento aritmético da produção com o crescimento geométrico da população, a Humanidade ainda não tinha atingido os primeiros mil milhões de seres. Quando tal aconteceu, em 1802, seriam precisos mais de 120 anos para ocorrer de novo mas, desde os anos 60, repete-se em cada dúzia de anos...

Em 2011 atingimos os sete mil milhões de almas. Se todos precisamos de água, comida e energia e o planeta não aumentou de massa, então talvez a repartição de recursos no futuro esteja muito condicionada pela resposta a este problema.

Claro, podíamos pensar só em nós, aquele terço do Nor-

te que quando era apenas um terço da humanidade, nos anos 60, sempre se imaginou a salvo de uma miséria distante que a espaços lá nos incomodava um bocadinho, sobretudo desde que há TV.

Mas o crescimento das últimas décadas, felizmente, não engrossou só a multidão dos muito pobres. A desigualdade continua a ser imensa mas entre os mil milhões de ricos com mais de oitenta dólares por dia e o dobro dos muito pobres com menos de dois, está metade do globo que procura e merece hospitais, casas, eletrodomésticos... conforto. Se formos muitos mais é evidente que isso não vai ser possível. E que o sossego dos privilegiados acabou para sempre.

Felizmente, desde Malthus, há soluções mais divertidas do que a castidade para resolver o problema. A difusão da saúde reprodutiva, do planeamento familiar e do aumento da escolaridade nos países emergentes, a par de uma revisão profunda do protecionismo nas políticas de imigração são possíveis e tão ou mais importantes para o nosso futuro do que os *eurobonds*. Embora ambos partam da mesma premissa... afinal, falhar na gestão da escassez acabou sempre da mesma maneira, não é? ■

\*ADVOGADO

“

*O crescimento das últimas décadas, felizmente, não engrossou só a multidão dos muito pobres*

